

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO
DA PROVÍNCIA DOS PADRES CARMELITAS DESCALÇOS

O Interior do Claustro

claustrO

Espaço de diálogo, reflexão e espiritualidade

III

Claustro é aquele lugar que, no convento e no mosteiro, faz a mediação entre o exterior e o interior, ou permite que do interior se penetre ainda mais no mais interior da casa; dá também para quatro dedos de conversa e para vislumbres de céu.

APRESENTAÇÃO



JOÃO COSTA

Para uma leitura do interior

Até o mais pequenino claustro tem quatro lados ou alas. A ter mais uma ou menos uma, será outra coisa, outro aposento, cujo nome agora não lobrigo.

Este nosso, sim, este tem as quatro alas. Cada qual com seu nome: Casa Comum; Cultura; Desafios; Espiritualidade. Habitada é, cada uma delas, por Carmelitas Descalços: leigos (a maioria!), monjas e frades. Como bons filhos e filhas de Teresa e João, por aqui falamos e rezamos; rimos, cantamos e choramos entre nós. E calamos. E partilhamos. Somos claustro, não cárcere; nem masmorra, nem túnel, nem passeio – claustro. Somos claustro aberto.

O nosso Claustro rima com irmandade e partilha. Como o leitor verá. Veja, pois.

Temos também amigos que nos visitam, que rezam, pensam e dialogam connosco e, desde o nosso lado, connosco falam e para fora de nós – são os Perspectivas. Têm todos muito que dizer e dizem. Dizem-nos da sua arte, dos seus espantos, da sua experiência, da sua fé, das suas interrogações, do seu saber. Ao longo deste ano tivemos seis perspectivas – uma a cada dois meses. Vale a pena ler as Perspectivas, depois de passear pelas alas. Ou ao invés, não importa.

E, a fechar, há um Ferrolho. Porque é a fechar, baptizámo-lo assim. Para o livro ficar bem fechado. Em Ano de Oração, prévio ao Jubileu de Esperança, apresentamos ali uns breves apontamentos sobre a história da oração. Os apontamentos eram privados e assim jaziam há muitos anos, depois de surgirem como notas de leitura pessoal do Padre Alpoim. Eram para restar assim, sem jamais serem publicados. Mas veem, agora, a luz e os nossos olhos podem beijá-los. Felizmente. Agradecidos somos ao Padre Alpoim Portugal que, gentil, embora resistindo, no-los cedeu. Muito obrigado. Deus lho pague.

No papel de editor não me atreverei a assinalar mais este que aquele texto, a preferir um filho a outro. O leitor que decida. Já, porém, sim, digo, que *O Interior do Claustro* não esqueceu o Sínodo da sinodalidade, nem o 25 de Abril, nem os caminhos de Santiago, nem uma retrospectiva sobre a Covide, nem a paz, nem o diálogo com os ateus, nem a Irmã Lúcia, nem Nossa Senhora, nem o papel da mulher na Igreja, nem a vida em grupo, nem o Fradinho. Nem...

O leitor e a leitora que leiam, e depois me digam se podemos continuar a conversa.

O Interior do Claustro, o livro, não esqueceu muita coisa e fala de muita outra. Mas o óbvio é que deixou muita por falar, até porque para o ano contamos estar por cá. E também não é de enjeitar que V. clique no <https://claustro.carmelitas.pt/>, porque ali há mais que ler, que pensar, que meditar, que rezar. Vá, clique e passe por lá. Leia. Leia-nos. E se encontrar algo que não esteja nos seus cabais, haverei de lembrar que aqui todos somos filhos de Teresa e, por isso, dispostos a dar a vida pela rúbrica mais mínima.

Leia-nos em paz. E acompanhe-nos um pouco, pelo caminho.

Terminada, pois, mais uma volta em torno ao claustro de 2024, eis-nos aqui, Senhor. Qual pastor trazendo ao pé do altar as primícias da

manteiga e do rebanho, assim nós; qual lavrador trazendo um braço de espigas e os primeiros cachos de uvas dos campos, eis-nos aqui, Senhor.

Trazemos do que temos – aceita-o e abençoa-o. Abençoa-nos.

Aqui estou, aqui estamos.

Aqui estou, di-lo cada um e cada uma de nós que neste claustro se inscreveu. Aqui estamos, aqui respondemos aos demais, todos juntos, em coro. E a solo. Aqui estamos. Eis-nos aqui com as primícias dos rebanhos das nossas letras, com a abundância dos nossos campos em forma de folhas brancas tingidas de carreiros de sementes.

Aqui, Senhor, neste belo dia da Imaculada, diante do teu altar, te entrego as alegrias e o suor de tantas e de tantos, meus irmãos e irmãs. Dos que se achegam de longe, dos que vivem nos teus átrios. Dos que escrevem e dos que leem. Dos que escrevem tarde ou a medo, e dos que leem pronto e com gosto. Dos que escrevem qual incansável olho-d'água cujo manancial corre e dessedenta passarinhos, cobras e gentes, e dos que, inadvertidos, veem o livro ou o link cair-lhes nas mãos e no olhar, e os abrem para logo o pausar.

Aqui, Senhor, diante do teu altar, te entrego as alegrias, canseiras e suor dos que pensaram, dos que pausaram tarefas para se dedicarem ao cadinho da escrita, dos que postaram, paginaram, imprimiram e transportaram o livro até às mãos, até ao olhar e aos corações dos leitores e leitoras.

Sim, tudo entrego; tudo, tudo entrego ao coração de quem nos ler.

Aqui te entrego a minúcia dos que colectarem gralhas; e os que hão-de ler e passar o livro de mão em mão, apesar das gralhas que por aí pululem; e quantos – e são alguns, sim – se nos volverão, dizendo: «*O texto xis salvou-me o dia*», «*Aqueloutro diz o que eu penso e por isso dou graças a Deus*», e ainda: «*Nunca tinha pensado nisso e ainda bem que alguém o disse. Obrigado a quem faz o Claustro!*».

Obrigado, nós.

Quem faz o Claustro somos nós. Aqui há um nós, sim. Nós, Comissão de Comunicação da Província de Nossa Senhora do Carmo de Portugal. Somos nós – tantos colaboradores e colaboradoras – que amassamos os dedos contra o teclado; os que aguardamos letras advindo no écran que temos por diante do olhar; os que esprememos os favos do coração para que, dando as razões que nos esperançam, outras bocas se adocem e outras almas aproveitem e medrem.

O Claustro somos nós; somos quem escreve e quem lê. Quem oferece e quem recebe. Quem dá e quem agradece. Quem decide que se faça e quem o manuseia.

Muito obrigado, sobretudo, a quem lê; embora se ninguém escrever, como poderá alguém ler? O Espírito Santo inspire e recompense os que escrevem e os que leem.

E perdoe-me quem puder, se a isto de novo volto. Mas cada vez mais me convenço de que este Claustro é uma eira pequenina, como aquelas típicas da minha *aldeinha pequenininha* postada, sem medo, frente ao império do Marão – ele dali não sai, nós daqui, aferroados, nunca vergamos ou saímos! Pequeninas eram aquelas eiras, mas não havia precisão que fossem maiores – eram o bastante para acolherem as escassas espigas que do coração das nossas leiras arrancávamos e que ali depositávamos como num altar. Era ali onde as estendíamos ao sol e depois lhes debulhávamos o grão e, entrementes, cantávamos e louvávamos, ouvíamos os velhos e ensinávamos os novos. Sim, perdoe-me quem puder, mas no tempo das redes sociais, eu mais vejo o Claustro como uma eira soalheira e antiga onde se luta, labuta e entreajuda, onde se reza e se dança, onde hoje, como ontem fizemos, repartimos e saciamos de pão e de bênçãos.

O Claustro publica-se todas as semanas, à terça feira, no site www.carmelitas.pt. Digo-o para que, se por inadvertência, *O Interior do Claustro* lhe cair nas mãos, isso saiba – é que o site tem mais textos que aqueles

que se conseguem publicar em livro! E os textos que ali restam ao luar merecem igual visita, igual louvor, igual agradecimento.

O Claustro é ainda prova de que existem por toda a parte campos com tesouros escondidos. Feliz de quem, escavando e escavando, insistindo e escavando, os encontra. Mais feliz, julgo, é quem os reparte. Alguns, como já disse, são arrancados a ferros, sim; outros não chegaram ainda à luz do dia. Todos são regalados com uma generosidade que me enleva e eu não mereço; e que mais engrandece a quem os partilha com doçura e mimo – como sois dignos de bênção! E se a todos aceito, e sim, aceito, e deles necessito, é porque, vai para mais de trinta anos, me fizeram mendicante e, assumindo-o, os recebo para os partir e repartir.

(Desculpem-me se insisto com o leitor que tomou este livro nas mãos e o aproximou da luz do olhar, que outra coisa não sei e, porém, algo aqui vou vislumbrando: n’*O Interior do Claustro* algo vai da nossa oração, do nosso trabalho, da nossa esperança, do nosso saber e sabor de Carmelitas Descalços de Portugal. Façam o favor de nos aceitar. Aceitar aqueles autores – ainda que o sejam, não lhes chamo doutores, chamo-lhes irmãs e irmãos... – tão gentis na dádiva como os pés de Leonor, pisando pela frescura da manhã a terna verdura dos caminhos da fonte; e aqueles outros que se me achegam em modo de sangue, suor e lágrimas, e assim me convertem no primeiro devoto de quanto escrevem. A todos recebo, a todos agradeço, a todos abraço, para todos imploro as bênçãos de Deus. E a todos partilho, que gosto maior não há que o de partir pão e saciar fomes.)

Descalços, todos nós feitos pão, para proveito de todos somos.

Permita-se-me, por último, dois agradecimentos em modo nominal.

Ao Delfim Machado. Se jamais o Claustro falhou, se anda a horas certas, a culpa é maioritariamente dele, que eu não vi quem, entre nós, tanto ame o Claustro. E quem ama, sofre. Precisamente porque ama. Merece o meu e nosso inteiro reconhecimento.

Gratidão ao Padre Alpoim Portugal. Quem o conhece sabe que passa por graves limitações que muito lhe fragilizam a saúde sem, contudo, lhe deceparem a esperança. E por isso tanto me surpreendo e m'espanto que, tão a tempo, tenha aprontado o texto que dele aqui publicamos! Padre Alpoim, não tenho como te agradecer estes *Apontamentos* que, à força de picareta, arrancaste às tuas notas manuscritas que há anos repousavam numa estante da tua cela. Não tenho como agradecer que tenhas *batido* o texto todo e mo tenhas entregue *limpinho*, quando seria mais recomendável que descansasses de rosário na mão – e talvez disso, um dia, me tenha eu de penitenciar, não sei...

É sabido – é isso que me diz a fé que professo – que Deus recolhe toda a prece. Toda, toda. Nem precisa de ser perfeita, inteiramente obedecendo aos cânones. Não precisa, pois Deus não ignora jamais, nem esquece, nem despreza prece, suspiro ou aspiração alguma de algum dos seus filhos. Jamais!

Alhures alguém me disse que um mestre ensinava que, no primeiro sopro, o bebé diz *Ab-* e o moribundo, no último, *-ba – Abba!* Pai. Frequentemente eu não tenho mais prece que esses dois sopros, apenas esses dois, no mesmo segundo. E sei que Deus mos aceita, me atende e entende, e recolhe o tanto que nessa palavra doce Lhe digo.

Eu não sou mestre de oração, nem jamais ensinei tão bem quanto ele. Algumas vezes, porém, tenho a graça de falar com ele durante a sua já longuíssima Paixão e acompanhado os seus pequenos sopros. Sei do que falo. Aquela Paixão tem de valer ouro em nosso favor, diante de Deus. Sei do que falo. Falo que a tua Paixão, Padre Alpoim, é fonte impagável de graça que sobrevém sobre as nossas vidas. Sei do que falo, sim.

Sempre que, nas faldas do seu calvário, com ele falo, lembro-me dum ensinamento de Santo Agostinho, que diz: «*Deus que nos criou sem nós, não nos salvará sem nós*». O que daqui entendo é isto: entendo que até os nossos mais nobres actos diante de Deus são mais que pequeninos, são ínfimos. E é isso que m'espanta; espanta-me que Deus os aceite

como fórmula e modo de a cada um nos salvar, também através deles. Isto é, salva-nos, sim, mas salva-nos, contando connosco. E mais ainda, eu aceito (e mais que aceito, agradeço em lágrimas!) que Deus mora em nós; ora se em nós mora, os nossos actos (os bons, claro; e mesmo esses apenas estão um pouquinho acima de lixo!) também são Dele, também são obra Sua, são obra divina em nós e por nós!

É por isso, meu Deus, que mesmo não mo consentindo, eu mais preferiria ficar calado. O certo é que o falado ou escrito, o que aqui está neste *O Interior do Claustro* é co-laboração nossa com Deus, é laboração de Deus em nós, é dom e obra salvífica de Deus, que não nos salva sem nós – tudo isto, Padre Alpoim, é o que eu tenho aprendido contigo, tão tamanha é a dádiva que todos os dias nos deixas como legado.

Obrigado.

O Claustro continua inacabado. Felizmente e apesar de tudo.

Carmo do Fradinho e Solenidade da Imaculada Conceição de 2024. ∩

Apresentação <i>João Costa</i>	7
--	---

CASA COMUM

O turismo e a paz <i>Luís Correia</i>	16
Passar à outra margem <i>Júlio Pereira</i>	20
Crescer em Comunhão: A Relevância dos Grupos na Nossa Evolução Pessoal <i>Verónica Parente</i>	23
O Tempo da criação está próximo! <i>Nicole Vareta</i>	28
Tempos de paz são fundamentais para organizações saudáveis <i>Teresa Eugénio</i>	33
Mudança de mentalidade <i>Joaquim Teixeira</i>	36

CULTURA

Bem-aventurada Maria Teresa Ledochowska <i>Maria Paula Figueiredo</i> ...	42
Que via Jesus nas crianças? <i>Daniel Henriques</i>	44
O tempo das sarças de fogo <i>Manuel António dos Santos</i>	49
O meu 25A ou o País dos cravos <i>João Costa</i>	54
O louco de Deus <i>Alexandra Lisboa</i>	60
Europa: Desafios das mudanças sociais e políticas à luz da fé <i>Helena Castro</i>	66

DESAFIOS

O olhar de cima para baixo <i>Filipe Baio</i>	76
O Caminho, metáfora da vida <i>Nuno Henriques</i>	86
A Sabedoria no Monte de Elias <i>Ana Sofia da Cruz</i>	91
A Páscoa de Nossa Senhora: o Céu é minha morada <i>Manuel Reis</i>	99

Hey! Não deixes para o fim.

Falta isto nas listas de compras de Natal! <i>Maria Alexandra d'Araújo..</i>	103
O papel da mulher na Igreja <i>Gustavo Borges.....</i>	106

ESPIRITUALIDADE

Um físico e um carmelita entram num bar <i>Rui Guerra.....</i>	114
O bicho da seda e a borboleta <i>Isabela Neves</i>	122
Uma tangerina nas Tuas mãos <i>Dina Louro.....</i>	127
Todos somos irmãos <i>Isabel Carreira</i>	132
A esperança – O Advento <i>Branca Paúl</i>	135
A ousadia de ser livre <i>João Carlos Vieira.....</i>	139

PERSPETIVAS

A memória do coração <i>Céu Ameixinha.....</i>	150
<i>In memoriam</i> de Maria João Sande Lemos	
<i>Cidália Vargas Pecegueiro e M. Margarida Pereira-Müller.....</i>	161
A espiritualidade mariana sacerdotal <i>David Gil Esteves.....</i>	165
E se Santa Teresa fosse uma <i>influencer</i> digital? <i>Jonas Viana</i>	169
Este livro veio até mim <i>Víctor M. Marí Sáez</i>	172
Maria na vida espiritual <i>André Morais.....</i>	181

FERROLHO

Breve contributo para uma história da oração da Igreja:

A oração ao longo dos séculos de cristianismo <i>Alpoim Portugal</i>	188
--	-----